

SAMBA E SEIS AMPOLAS

Luan Mugabe Martins Freitas¹

Era final do ano, fazia um calor dos infernos, Fernando Augusto se via suando bicas no afã de beber uma gelada. Foi ao Gato Preto cumprir seu destino e matar a vontade que o estava matando. Pisa no degrau da birosca, e o que acontece? Mas, antes, faço aqui uma digressão pra explicar a relação próxima de Fernando Augusto com os frequentadores do local. Certa feita, seu vizinho Paulinho, amigo do peito e do copo, frequentador do bar há pelo menos duas décadas, convidou-lhe pra beber umas ampolas no recinto. Convite aceito, foram rumo ao seu périplo etílico. Chegando no Gato Preto, pediu duas branquinhas do alambique e um suco de cevada pra arrematar a seu Zé Psiu e lhe apresentou ao dono do bar: “Esse gigante é meu vizinho do Morrinho, Zé, meu amigo”. Se cumprimentaram e ficaram de conversa fiada, os três, enquanto enfileiravam - Paulinho e Fernando Augusto - ampolas tais quais Garrincha enfileirava marcadores, descobrindo que, aos domingos pela manhã, os frequentadores mais antigos do bar se reuniam pra beber e praticar a vida. Até aí, nada de novo vindo de um bar de respeito. O segredo é que o combinado entre eles era que cada domingo um deles levaria um tira gosto, uns acepipes pra beliscarem durante a bebedeira. Acabou sendo convidado por seu Zé pra acompanhar Paulinho no próximo domingo, e foi. E assim retornou um par de vezes e se deliciou, lambeu os beiços com carne seca no feijão, dobradinha, canjiquinha, rabada com agrião e batatas coradas, além de incontáveis traçados e infinitas cervejas.

Retorno aqui àquele dia de calor e o ponto do conto. Chegando ao Gato Preto, Fernando Augusto vê Seu Pará cair duro no chão do botequim. Pensou: "Fodeu, o velho empacotou!" Foi um deus nos acuda. Uma parte dos fregueses e amigos tentava reanimar o cabra, outra parte ligava pra ambulância com a maior urgência enquanto Serginho folheava o caderninho que tinha anotado o número dos telefones dos clientes mais fiéis da birosca - e de telefone fixo! Bar que se preze tem dessas tradições. Seu Pará foi mandado pro Ferreira Machado e, sabe-se lá como, foi reanimado e ficou tinindo de novo. No bar, cada um dos sócios bebedores chegava, perguntava a Fernando Augusto o que tinha acontecido, já que o mesmo estava lá no exato momento do babado todo. Fernando Augusto contava o caso a cada um deles enquanto bebiam umas douradinhas de seiscentos. Certo momento, depois dos ânimos acalmados, pinta um coroa baixinho, de cabelo branco, com uma barriga de altíssima

¹ Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense/ESR

responsabilidade, pernas arqueadas e com um jeitão de malandro galhofeiro dos cacetes e pergunta: "Porra, que quí houve com Pará?". Lá do fundo alguém responde: "Está perguntando por que? Tu apostou nele, porra?". O coroa cheio de gingado arremata em meio à risada larga que exibia no rosto: "Eu apostei em você, seu filho da puta!" Outra voz surge no meio da troca de canduras e finaliza: "Ninguém levou dessa vez, Evair José. Senta aí e pede uma gelada, porra!". Sugestão prontamente aceita: "Serginho, me vê uma cerveja e um Campari". Fernando Augusto ficou meio atordoado. Como assim apostar no Pará? Que diabo eles estavam falando? Puxou papo com um deles que estava mais próximo e arriscou: "Que parada é essa aí de apostar?". O senhor sorriu de canto de boca, deu um gole no líquido que descansava no copo e lhe apontou o "obituário" na parede, dizendo: "A gente aposta em qual de nós vai empacotar primeiro, bater as botas, fechar o paletó, tá entendendo? Ali estão os que faziam parte daqui do bar e partiram dessa pra melhor". Fernando Augusto ficou perplexo. Questionou "Você tá falando sério?". O coroa finalizou: "O morto não vai se importar se a gente ganhar um trocado em cima dele e tirar um sarro, vai? Ele tá morto mesmo, porra!". Como já era início da noite, puxou seu burro e foi caminhando pro bar do Dandão continuar seu périplo etílico do dia. Ficou matutando sobre o ocorrido ao longo do caminho. Pra sua falta de surpresa, encontra ninguém diferente de Carlos Alberto, seu arqui-amigo favorito. Ele, tal como o pobre escriba e mambembe historiador Fernando Augusto, também já havia traçado umas cangebrinas e proseava com os convivas no bar. Coisa que eles fazem, diga-se de passagem, dia sim e outro dia também. Mas, nesse dia específico, havia uma figura diferente das caras marcadas que estavam acostumados a encontrar sempre. Fernando Augusto como não o conhecia ficou na sua. Carlos Alberto, muito metido a besta, puxou conversa com o malandro. Se entenderam muito bem, diga-se. Depois, Fernando Augusto descobriu que o caboclo era um chapa das antigas do Dandão e que ele ali estava na surdina, se escondendo da Dona Maria, a primeira dama do sujeito. E é aí que a coisa pega fogo. Literalmente!!! Pra entrar no papo fiado, Fernando Augusto relatou o caso que presenciou pouco antes no Gato Preto. Contou tintim por tintim o babado que rolou e sobre o "obituário" na parede do bar. Ganhou de pronto a atenção da turma. Afinal, conversa fiada pouca eles têm muita. Papo fluído, uma isca pra tirar o gosto, fila de casco escuro no balcão e o malandro à vontade. A prosa era das boas. O sujeito, que morava pelos lados da Baleeira, era um fanático por futebol. E pra surpresa de Fernando Augusto, torcia, ora vejam vocês, pro Roxinho. Carlos Alberto não perdeu o rebolado e emendou: "Você torce pro Roxinho, é? Conhece Jorge da Paz Almeida, que foi diretor do Roxinho? Morou aqui no Morrinho, sabia?". O

sujeito, que sabia das coisas, também sabia dessa e sapecou: “Meu cumpadre, conheço e conheço muito. Foi inspetor de disciplinas quando eu estudei no Liceu. E digo mais, compus samba de enredo pra Mocidade Louca com ele e tudo. Tá achando que eu tou de bobeira, meu consagrado?”. Aqui um parêntese: Jorge da Paz Almeida foi e é um baluarte do samba. Compositor de mão cheia, fundou a Mocidade Louca nos idos dos anos 50, foi diretor do Roxinho e inspetor de disciplinas no Liceu. Dizem, inclusive, que foi um jogador de encher os olhos na juventude. Seu Jorge Chinês, como também era conhecido, foi um bamba daqueles. Sambista, boleiro, escritor, carnavalesco, compositor, enfim, uma personalidade única que merece muito mais do que essas mal traçadas. Retomando o fio pra não perder a meada. Carlos Alberto se espanta com a lira do cabra e gosta... Vai gostar de conversa fiada assim em Goitacazes, rapaz. E o papo é permeado de tudo que eles mais se afeiçoam: cerveja, futebol, mulher e.. samba!!! E é aí que a coisa fica séria. Com a proximidade do carnaval, estavam todos putos da vida com a forma desinteressada que o poder público da cidade tem lidado com a festa. Seu Jorge, se vivo fosse, teria um desgosto profundo com o tratamento que andam dispensando à festa que ele tanto se empenhou para institucionalizar. Nessa, quando eles já haviam se esquecido de lembrar que o sujeito estava lá “fugido” da esposa, eis que surge a tal soltando fogo pelas ventas, proferindo os maiores impropérios em direção ao esperto. Na hora, Fernando Augusto teve um estalo: “Porra, mais cedo quase presenciei a morte de Seu Pará. Agora não tem jeito, a cidadã vai esmerilhar o sujeito no sopapo”. E não deu outra. Cerveja nos cornos, xingamentos que Deus duvida e o Diabo tampa os ouvidos, relógio novinho em folha totalmente espatifado no chão, arranhões no pescoço e no rosto, promessa de deixar o sujeito fora de casa sem lenço e sem documento. Um escândalo. O homem, “coitado”, deve ter pensando porque não havia saído antes sob a luz de um abajur lilás, baixou a cabeça como um cão que reconhece sua culpa, saiu do transe provocado pelos pães líquidos que enfileiraram e se despediu, num aceno modestíssimo com a cabeça. Nunca mais o viram. Tiveram a impressão que ele foi oló depois dessa. Foi o sujeito ser levado à força embora do recinto e a moçada entrou em transe e caiu na risada. E o Santo, que ninguém sabe se saiu do corpo do caboclo ou já estava por ali procurando enredo, parece ter baixado – advinha em quem? – no lamparão do Carlos Alberto. E digo mais: pelo relato a seguir, não duvido neça de pitibiriba que foi o Santo de “Seu” Jorge que baixou na esquina. Em transe, Carlos Alberto, tomado pelo espírito de Jorge Chinês – tal qual Nei Lopes, o maior de todos, recebeu Rui Barbosa no sambaço “Águia de Haia” – versou com Dandão duma vez só um samba que contava sobre o que acabara de se passar: “Eu estava no bar do Roberto (Dandão).

Estava tudo certo pro samba firmar. Cerveja gelada, traçado na mesa. E um montão de partideiro querendo versar. Sem mais nem menos rolou a confusão. O Mengão perdia pelo Brasileirão. Chega a esposa do esperto toda sorridente e pra resumir. De repente virou o saci, botou o bicho pra pegar. Sacudiu o esperto, quebrou seu relógio e também celular. Já tem mulher que bate sem a mão. Maltrata o coração, deixando malandro de quatro. É como diz o ditado: malandro que ama vira otário. Dona Beth gritou: Bola Sete, não meta a colher onde não foi chamado! É como diz o ditado: malandro que ama vira otário! Saiu com uma perna, um braço, dois dentes e quinze dedos quebrados. É como diz o ditado: malandro que ama vira otário. Babau ficou tão assustado, coitado, até engasgou com o traçado. É como diz o ditado: malandro que ama vira otário”. Foi só terminar o samba, beber uma dose de “cemitério de memória” e picar a mula do corpo de Carlos Alberto pra voltar a transitar espiritualmente por aí. Carlos Alberto, que tinha fama de 171, agora era conhecido como bamba, como malandro bom de samba. Fernando Augusto, que só queria matar a sede, fugir do calor e esquecer o chifre que levava de uma donzela que o botou no bolso, antes de se afogar nuns copos de suco de cevada, acabou presenciando duas tentativas de fazer malandro ir dessa pra melhor.